**19º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

São Sisto II e companheiros mártires; Beato Edmundo Bojanowski, leigo e fundador

*Sab* 18, 6-9; *Sal* 32; *Heb* 11, 1-2. 8-19; *Lc* 12, 32-48

*Feliz o povo que o Senhor escolheu para Sua herança*

**COMENTÁRIO**

*Pela sabedoria do discípulo na vida à espera de Cristo*

O ensinamento do evangelho de hoje continua a perspectiva sapiencial da vida cristã sobre a qual fomos instruídos nos domingos anteriores. Tal sabedoria significa saber “enriquecer-se diante de Deus” e não para si próprio ou perante os homens, ou seja, orientar-se constantemente para Deus. Jesus propõe agora, de novo, algumas atitudes fundamentais concretas aos Seus discípulos que são assim chamados a tornarem-se cada vez mais sábios, para transmitirem a sabedoria divina aos outros.

*1. “Não temas, pequenino rebanho”: a coragem dos discípulos do reino*

Em primeiro lugar, Jesus dirige-se directamente aos Seus discípulos para exortá-los a um abandono radical de todos os bens em vista de um bem superior: o reino de Deus: «Vendei o que possuís e dai-o em esmola.» O objectivo é insistir na prioridade absoluta do reino, e na sua vinda, pela qual Jesus tinha ensinado os Seus discípulos a rezar no *Pai-Nosso*. Ele próprio, imediatamente antes desta passagem do Evangelho de Lucas, sugeriu, aliás, recomendou: «Procurai antes o Seu reino e essas coisas [da vida quotidiana] vos serão dadas por acréscimo» (*Lc* 12, 31).

O raciocínio por detrás de tal acção radical (dar tudo em esmolas) é marcadamente sapiencial, como Jesus explica logo de seguida no evangelho de hoje. Trata-se de adquirir (graças à esmola) «bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável nos Céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói», segundo as instruções dos sábios bíblico-judaicos (cf., por exemplo, *Tb* 4, 8-11). É, na verdade, um “comércio sagrado”, para usar a expressão “profana” do mercado! O pensamento segue a lógica das parábolas gémeas que Jesus contou sobre a realidade do reino como tesouro escondido e como pérola de muito valor (cf. *Mt* 13, 44-45): aquele que o encontrou, «foi vender tudo quanto tinha e comprou-a» (*Mt* 13, 46). Por isso, ao jovem rico que perguntou como poderia herdar a vida eterna, Jesus recomenda a observância dos mandamentos de Deus e acrescenta “uma coisa” em particular: «Falta-te uma coisa: vai, *vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu*. Então vem e segue-Me» (*Mc* 10, 21; *Lc* 18, 22).

No entanto, apesar da lógica da argumentação, nem todos eram capazes de fazer uma mudança tão radical de mentalidade em prol do Reino: fazer-se pobre, fazer-se pequeno para entrar no Reino. Por conseguinte, àqueles que o fazem (e o farão) é reservada a exortação particular de Jesus que, para as primeiras gerações de cristãos, representou uma doce e comovente bênção (assim como para cada nova comunidade cristã nascida em territórios de missão em cada época): «Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino.» Sim, é necessária uma coragem “inspirada” e “iluminada” para abandonar tudo pelo Reino de Deus; isto implica uma saída corajosa de si próprio e dos vínculos materiais terrenos visíveis, para abandonar-se totalmente a Deus com fé e confiança filial, a exemplo dos ilustres pais e mães da fé do Povo Eleito (exaltados na segunda leitura). Efectivamente, Jesus conclui com as palavras sábias, «onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração», que soam hoje como um aviso a todos os Seus discípulos. Afinal de contas, é uma sabedoria que vem do alto e que o mundo não compreende. Aliás, este abandono radical dos bens terrenos por causa do reino, da parte dos discípulos de Cristo, será visto pelo mundo como loucura, tal como Cristo com o mistério da Sua cruz: loucura para o mundo, mas sabedoria de Deus.

*2. «Tende os rins cingidos»: estar preparados para uma nova Páscoa, no regresso do Senhor*

Ainda em perspectiva sapiencial, a segunda atitude pedida aos discípulos é a de estarem prontos para o regresso de Cristo, Seu Mestre e Senhor. Este pedido parece quase “inoportuno” para fazer durante o período de férias e, portanto, de descanso e relaxamento para muitos. No entanto, é sempre a palavra de salvação que Deus dá a cada um de nós para nos recordar a verdade e a sabedoria da vida: devemos estar sempre vigilantes em todos os momentos da vida para estarmos prontos para o encontro com o Senhor glorioso, porque não conhecemos «nem o dia nem a hora» (*Mt* 25, 13). Não se trata de viver constantemente na ansiedade, no medo perante o desconhecido, mas sabiamente de acordo com a palavra de Deus que ilumina.

A este respeito, a prontidão sapiente recomendada por Jesus é ilustrada com a imagem dos «rins cingidos» e «lâmpadas acesas», que se refere à experiência da noite do êxodo do Egipto na história de Israel, quando o povo foi convidado a comer a Páscoa «com os rins cingidos, as sandálias nos pés e o cajado na mão», pronto para a partida (*Ex* 12, 11). Esta é a experiência da “noite da libertação”, “na espera da salvação dos justos”, como vemos na reflexão seguinte no livro da Sabedoria (na primeira leitura). Deste modo, a sapiente espera dos discípulos de Jesus pelo Seu regresso terá sempre um carácter pascal alegre em vista da libertação definitiva de todo o mal, por causa do qual ainda sucumbem, e especialmente em vista da comunhão perfeita e feliz com o seu Mestre e Senhor que lhes oferece tudo. Este é o ponto que Jesus quis salientar com uma imagem hiperbólica, surreal, ou seja, que nunca acontece aqui em baixo, mas apenas lá em cima: «[o Senhor] cingir-se-á e mandará que [os servos vigilantes] se sentem à mesa e, passando diante deles, os servirá» (*Lc* 12, 37).

*3. «Quem é o administrador fiel e prudente?»: o apelo especial à sabedoria dirigido aos discípulos “responsáveis”*

Por fim, Jesus, provocado pela pergunta de Pedro («Senhor, é para nós que dizes esta parábola, ou também para todos os outros?»), quer sublinhar o apelo especial à sabedoria feito aos discípulos “responsáveis” ou “encarregados” das comunidades. Aqui, o evangelista Lucas chama-Lhe, “Senhor” precisamente para exaltar a autoridade divina e realçar a importância do Seu ensinamento. Todavia, é curioso que Jesus responda à pergunta de Pedro não com um sim ou não, mas com outra pergunta que faz reflectir os interlocutores: «Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor estabelecerá à frente da sua casa, para dar devidamente a cada um a sua ração de trigo?» Isto traz-nos de volta ao clima da escola com Jesus mestre, no estilo habitual dos sábios bíblico-judaicos.

Além disso, a linguagem desta pergunta e do ensinamento que se segue revela-se eminentemente sapiencial, e tudo isto (vocábulos e expressões) evoca a reflexão bíblica sobre a história do Patriarca José (cf. *Sal* 105; *Gen* 39-41): «Tinha mandado um homem à sua frente: José, vendido como *escravo*. (…) E o constituiu senhor da sua casa*, administrador de todos os seus bens,* para instruir a seu gosto os príncipes*, e ensinar sabedoria aos anciãos*» (*Sal* 105, 17. 21-22). Deste contexto bíblico-literária, torna-se claro que o servo-administrador da parábola de Jesus deve não só ser fiel [confiável], mas também sábio [prudente], porque se alude à figura do patriarca cuja tarefa não era tanto gerir os bens materiais, mas transmitir a sabedoria aos seus súbditos (cf. *Sal* 105, 22). Esta visão ideal de um bom administrador também se reflecte nas acções típicas da “mulher virtuosa” em *Pr* 31, 10-31: «Levanta-se, mesmo à noite, para *dar de comer aos da casa*, e distribuir a tarefa das servas (...) Abre a sua boca *com sabedoria*, e a sua língua *ensina* com bondade» (vv. 15. 26).

Nesta perspectiva, o “dar devidamente a cada um a sua ração de trigo” que Jesus recomenda ao administrador, mencionado na parábola, refere-se a um cuidado “completo” não só em relação aos alimentos materiais, mas também aos espirituais. Assim, a vigilância desse servo, à frente dos outros na casa do Senhor, concretiza-se no fornecimento diligente de “comida” aos servos, o que também e sobretudo significa o ensino da sabedoria. Esta é a vocação especial dos discípulos que o Senhor colocou “à frente” das Suas comunidades. São chamados a ser sábios na vigilância, cumprindo fielmente o compromisso que lhes foi confiado pelo Senhor. Por outro lado, é-lhes exigido que cresçam sempre na sabedoria divina para poderem fornecer aos outros todos os ensinamentos que receberam do Mestre divino, porque, como o próprio Jesus salientou, «a quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá.» Esta será a sua missão especial, conscientes do que o Senhor Ressuscitado recomendou a todos os Seus discípulos: «Ide, *fazei discípulos todos os povos*, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, *ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei»* (*Mt* 28, 19-20).

Oremos, portanto, para que o Senhor faça crescer em nós a sabedoria, para que não temamos a radicalidade evangélica por causa do reino, e assim estejamos sempre vigilantes e prontos para o encontro alegre com o Senhor ao Seu regresso, e a fim de colaborar cada vez mais fielmente com o Senhor, cada um de acordo com a sua vocação, no doar a todos o alimento necessário que conduz à vida eterna. Amén.

*Citações úteis:*

**João Paulo II**, Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Escandinávia em visita «*ad limina apostolorum*», 19 de Abril de 1997

6. *Creio na Igreja católica.* A propósito do número de membros das vossas Igrejas particulares, exíguo em relação à população total, podereis às vezes ser tentados a pôr-vos o preocupante interrogativo: «somos talvez um pobre vermezinho» (*Is* 41, 14). Sobretudo, somos nós todos católicos no pleno sentido da palavra. Posso compartilhar estes sentimentos e estes pensamentos e dirijo-vos, caros Irmãos, uma exortação que Jesus dirigiu aos Seus discípulos desencorajados: «Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino» (*Lc* 12, 32). Com isto, Ele queria fazer com que tivessem esperança não só no além, mas também no presente: «Pois o Reino de Deus está dentro de vós» (*Lc* 17, 21). O Reino de Deus já está no meio de vós na Dinamarca, na Finlândia, na Islândia, na Noruega e na Suécia. Embora sob o ponto de vista exterior, as vossas Igrejas particulares sejam muito dispersas e numericamente exíguas, nelas, através do vosso serviço episcopal, está presente Jesus Cristo. «A Igreja católica encontra-se lá onde está Cristo» (Inácio de Antioquia, *Ad Smyrn*. 8, 2). Ela possui «de forma plena e total os meios de salvação» (*Ad gentes*, 6): a justa e completa profissão de fé, que plasmou inteiramente a vida sacramental e o serviço santificado na sucessão apostólica. Neste sentido fundamental, a Igreja era católica já no dia de Pentecostes e permanecê-lo-á até ao dia em que Cristo, enquanto Cabeça do Corpo da Igreja, Se realizar inteiramente (cf. *Ef* 1, 22-23).

**João Paulo II**, Mensagem para o **Dia Mundial das Missões, 1995**

Tende coragem, não tenhais medo, proclamai que Jesus é o Senhor: «Em nenhum outro nome há salvação» (*Act* 4, 12)! [...]

Com grande afecto e gratidão dirijo-me, antes de mais, a vós, queridos missionários e missionárias e, especialmente, àqueles que estão a sofrer pelo nome de Jesus.

Dizer a todos que «abrir-se ao amor de Cristo é a verdadeira libertação. N’Ele, e só n’Ele, somos libertos de toda a alienação e extravio, da escravidão ao poder do pecado e da morte» (Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 11). [...]

A vossa vocação especial *ad gentes* e *ad vitam* mantém toda a sua validade: representa o paradigma do compromisso missionário de toda a Igreja, que sempre tem necessidade de doações radicais e totais, de impulsos novos e corajosos. Consagrastes as vossas vidas a Deus para dar testemunho do Ressuscitado entre as nações: não vos deixeis intimidar por dúvidas, dificuldades, recusas, perseguições; revivendo a graça do vosso carisma específico, continuai sem hesitação o caminho que empreendestes com tanta fé e generosidade (cf. Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 66).